

A woman with dark hair is lying on her side on a bed, covered by a dark blue blanket. The background is a large, abstract painting with thick, textured brushstrokes in shades of blue, green, and yellow. The painting has a cracked and layered appearance, with some areas showing more vibrant colors than others. The overall mood is artistic and serene.

JOHN  
BANVILLE

A GUITARRA AZUL

**I**



Chamem-me Autólico. Ou não, não chamem. Embora eu seja, como esse palhaço sem graça, um apanhador de imponderadas ninharias. O que é uma maneira arrevesada de dizer que roubo coisas. Sempre o fiz, desde que me lembro. Posso afirmar com propriedade que fui uma criança prodígio no que toca à bela arte de roubar. É o meu segredo vergonhoso, um dos meus segredos vergonhosos, do qual, todavia, não me envergonho tanto quanto devia. Não roubo por dinheiro. Os objetos, os artefactos, que furto – aqui está uma bonita palavra, contida e decorosa – têm, regra geral, pouco valor. A maior parte das vezes, os donos nem sequer sentem a falta deles, o que me incomoda e me deixa confuso. Não digo que queira ser apanhado, mas na realidade gostava que as pessoas dessem pela perda; é importante que assim seja. Importante para mim, quero eu dizer, e para o peso e legitimidade da... como é que eu hei de explicar? Da façanha. Da proeza. Do feito. Pergunto eu: de que serve roubar uma coisa, se ninguém souber que foi roubada, a não ser o ladrão?

Eu costumava pintar. Era a minha outra paixão, a minha outra propensão. Era pintor.

Hum! Enganei-me e, em vez de escrever pintor, saiu-me «pindor». Um deslize da caneta, um deslize da cabeça. Muito adequado, porém. Em tempos fui pintor, agora entrego-me à dor. Enfim.

Devia parar, antes que seja demasiado tarde. Mas é demasiado tarde.

Orme. É assim que me chamo. Uns quantos de vós, amantes de arte, inimigos da arte, talvez vos lembreis do nome, de tempos idos.

Oliver Orme. Aliás, Oliver Otway Orme. O O O. Um absurdo. Podiam pendurar-me por cima da entrada de uma loja de penhores. Otway, já agora, era o nome de uma rua banalíssima onde os meus pais viveram quando se juntaram em jovens e onde, presumivelmente, me conceberam. Orme é um nome plausível para um pintor, não é? Um nome pintoresco. Ficava bem, no canto inferior direito de uma tela, modestamente minúsculo, mas inescapável, o *O* como um olho de coruja, o *r* ao estilo *art nouveau* e mais parecido com um  $\tau$  grego, o *m* um par de ombros a estremeecerem de riso, o *e* como um... oh, sei lá como o quê. Ou, sim, sei: como a pega de um penico. E pronto, agora já sabem quem eu sou. Orme pindor, mestre da dor, que de pintor já nada tem.

O que quero dizer é

Dia de tempestade, os elementos em grande fúria. Violentas rajadas de vento a troarem contra a casa, abalando as suas madeiras vetustas. Porque será que este tipo de temporal me lembra sempre a infância, porque será que me faz sentir de regresso a esses tempos idos, de cabelo curto, calções, com uma meia caída? A infância é, supostamente, uma primavera radiosa, mas a minha parece ter sido sempre outono, com a ventania a agitar as grandes faias por detrás desta velha casa do guarda, como faz neste preciso instante, e as gralhas a rodopiarem ao acaso por cima das copas, como farrapos carbonizados de uma fogueira, e um brilho cor de creme de ovos a refulgir pela última vez na faixa inferior do céu a oeste. Além disso, estou cansado do passado, do desejo de estar lá e não aqui. Quando lá estava, contorcía-me nervosamente nas minhas grillhetas. Vou a caminho dos cinquenta e sinto que tenho cem, estou cheio de anos.

O que quero dizer é o seguinte, que decidi, resolvi enfrentar a tempestade. A tempestade interior. Não estou em forma, isso é um facto. Sinto-me como um despertador que uma pessoa que dormia e acordou irada sacudiu com tanta força que todas as molas e rodas se soltaram no interior. Estou todo avariado. Devia ir ao Marcus Pettit para ser reparado. Ah, ah, que graça!

Já devem ter dado pela minha falta, por esta altura, lá ao fundo, do outro lado do estuário. Devem perguntar-se onde é que me meti

– eu próprio faço a mesma pergunta – e nem imaginam que estou tão perto. A Polly deve estar aflita, sem ter com quem falar e se abrir e quem a console, a não ser o Marcus, cujo consolo dificilmente ela procurará, tendo em conta as circunstâncias. Já tenho saudades dela. Porque é que parti? Porque não podia ficar. Imagino-a na sua sala de estar exígua, por cima da oficina do Marcus, encolhida diante da lareira, à luz turva desta tarde de final de setembro, com os joelhos a brilhar das chamas e as canelas manchadas aos losangos. Vejo-a a morder, preocupada, um canto da boca, com aqueles seus dentinhos afiados que me lembram sempre os pedaços de gordura reluzente num pudim de Natal à inglesa. Ela é, era, para mim, o meu querido pudim de Natal. Uma vez mais, pergunto: porque é que parti? Que perguntas. Eu sei porque é que parti, sei muito bem porquê e devia parar de fingir que não sei.

O Marcus há de estar na oficina, junto da sua bancada de trabalho. Também o vejo a ele, com o seu colete de cabedal, concentrado e quase sem respirar, a lupa de ourives enroscada no olho, manuseando os seus diminutos instrumentos que, na minha mente, são um bisturi e fórceps de aço, a dissecar um *Patek Philippe*. Embora seja mais novo do que eu – tenho a sensação de que toda a gente é mais nova do que eu –, está a ficar com o cabelo ralo e grisalho e, vejam, as madeixas penugentas caem-lhe agora de cada lado do rosto beatífico, magro e estreito, e ajeitam a cada expiração, ajeitam um nadinha, um nadinha de nada. Ele costumava ter qualquer coisa do Dürer naquele autorretrato andrógino, aquele do perfil a três quartos com caracóis fulvos e uma boca de botão de rosa e um olhar desconcertantemente sedutor; nos últimos tempos, porém, podia ser um dos Cristos sofredores de Grünewald. «O trabalho, Olly», disse-me ele, pesaroso, «o trabalho é a única coisa que me resta para me distrair da minha agonia.» Foi essa a palavra que usou: agonia. Afigurou-se-me estranho, inclusive em circunstâncias tão medonhas, mais um floreado do que propriamente uma palavra. Mas a dor instiga a eloquência; basta olhar para mim e ouvir-me.

A criança também lá está, algures, a Pequena Pip, como lhe chamam; nunca dizem só Pip, é sempre a Pequena Pip. É verdade que é muito pequena, mas e se crescer e se transformar numa amazona?

A Pequena Pip, a Gentil Gigante. Não tem piada nenhuma, eu sei que não; é a inveja que me está a puxar a língua para o humor, a inveja e o pesar. A Gloria e eu tivemos uma pequenina nossa, fugazmente.

A Gloria! Tinha-se-me varrido da mente, até agora. Também ela se há de estar a perguntar onde diabo me meti. Onde, diabo.

Raios partam, porque é que tem de ser tudo tão difícil?

Vou pensar na noite em que finalmente me apaixonei pela Polly, finalmente, isto é, pela primeira vez. Tudo para me distrair, embora seja precisamente de pensamentos sobre o amor que eu me deva distrair, tendo em conta até que ponto me queimei por causa do amor. Aconteceu no jantar anual da Associação de Relojoeiros, Serralheiros e Ourives. Fomos como convidados do Marcus, a Gloria e eu – a Gloria contrariada, devo acrescentar, já que era tão suscetível como eu ao tédio e à falta de paciência em geral –, e sentaram-nos à mesa dele e da Polly, com outras pessoas que não são relevantes para a história. A ementa era bifés de vaca e carne de porco assado, com batata, claro, cozida, em puré, assada ou frita, sem esquecer a sempiterna couve com toucinho fumado. Talvez tenha sido o fedor gorduroso a carne chamuscada que me estava a fazer sentir esquisito; isso e o fumo das velas em cima das mesas e o chinfrim flatulento do trio musical. Havia um clamor incessante de vozes atrás de mim no salão, uma grande vaga da qual, de vez em quando, saía de jato, como um peixe a saltar, uma gargalhada estridente e embriagada de uma mulher qualquer. Eu tinha estado a beber, mas não creio que estivesse bêbado. Ainda assim, enquanto falava com a Polly e olhava para ela – aliás, enquanto me regozijava de prazer a olhar para ela –, tive aquela sensação de iluminação súbita, de epifania, que surge tantas vezes, a determinada altura, a caminho da embriaguez. De repente, ela pareceu-me... não foi inesperadamente bonita, ao certo, mas pareceu irradiar algo que me passara despercebido até aí, algo que era exclusivamente dela: a sua opulência existencial, a essência da sua essência. Isto é fruto da imaginação, eu sei, e provavelmente o que pensei que estava a ver foi uma mera consequência da zurrapa que bebi, mas estou a tentar fixar a essência do momento, identificar a faísca capaz de atear um

misto tão peculiar de êxtase e dor, de malícia, dano e, sim, de agonia marcusiana.

E, de qualquer maneira, quem é que pode garantir que o que vemos quando estamos bêbados não é a realidade, e o mundo sóbrio, uma obscura fantasmagoria?

A Polly não é propriamente uma beldade. Ao dizer isto, espero não estar a ser pouco cavalheiro, mas mais vale começar com toda a sinceridade, uma vez que tenciono continuar nessa veia, dentro do que me é possível. Claro está que a achei, acho, encantadora. Tem formas generosas, com umas ancas a puxar para o grande – imaginem as belas curvas da metade inferior de um violoncelo para criança –, um rosto bonito em forma de coração e o cabelo acastanhado um nadinha revolto. Os olhos são verdadeiramente impressionantes. Cinza-claros, quase translúcidos e, com determinada luz, adquirem um brilho madreperla. Têm uma ligeira heterotropia, que encontra um terno paralelismo na leve sobreposição dos dois dentes perlados da frente. Regra geral, a sua postura é plácida, mas às vezes o olhar é de uma contundência surpreendente e o tom consegue ser acutilante, muito acutilante. A maior parte do tempo, porém, ela encara o mundo, onde não se sente totalmente à vontade, com uma certa cautela. Tem plena noção da sua falta de polimento social – no fim de contas, é uma rapariga do campo, mesmo que a família seja endinheirada – em comparação, por exemplo, com o porte da minha Gloria, e sente-se insegura em questões de etiqueta e bons modos. Foi comovente ver, naquela noite dos Homens dos Relógios, como as pessoas costumam chamar à gala, a maneira como, antes de cada prato, ela olhava rapidamente em redor da mesa para ver qual era o talher que os outros escolhiam, antes de se atrever a pegar numa faca, num garfo ou numa colher. Talvez seja aí que começa o amor, não em súbitos ataques de paixão, mas no reconhecimento e simples aceitação de, de... disto ou daquilo, eu sei lá.

A noite dos Homens dos Relógios é um tédio e senti-me tolo por ter ido. Tinha virado costas à multidão festiva e, apoiado nos cotovelos, estava ansiosamente inclinado para a frente, por cima da mesa, de maneira que o meu rosto, quente e a latejar, quase tocava no peito da Polly, ou quase teria tocado, se ela não se tivesse virado



meio de lado para mim, na cadeira, de forma que me fitava de través ao longo da curva agradavelmente cheia do seu ombro direito. De que é que lhe falei, com tanta veemência e fervor? Não me lembro... também não importa; a importância estava no tom e não no conteúdo. Senti a Gloria a monitorizar-nos, com um olhar divertido e cético. Dou muitas vezes por mim a pensar que a Gloria se casou comigo para ter sempre algo que a faça rir. Não quero parecer ressentido, longe disso. O riso dela não é cruel, não tem sequer intenção de magoar. Ela acha-me simplesmente divertido, não pelo que digo ou faço, mas pelo que sou, o seu homenzinho ruivo, rechonchudo e, nem ela imagina, de dedos ladroeiros.

A Polly, naquela altura, a altura da noite dos Homens dos Relógios, em que me apaixonei por ela, estava casada há três ou quatro anos e era tudo menos uma menina ingénua, daquelas que poderíamos considerar suscetíveis às minhas palavras lisonjeiras e insinuantes. Ainda assim, via-se bem que não era imune ao meu charme. Enquanto me ouvia, assumira aquela expressão um tudo-nada fixa, de olhos muito abertos, acentuada pelo seu olhar de lado, de mulher casada que sente raiar um deleite hesitante ao perceber, incrédula, que um homem que ela conhece há anos e que não é seu marido está subitamente a dizer-lhe, ainda que com muitos rodeios e de maneira pretensiosa, que de repente se apaixonou por ela.

O Marcus encontrava-se longe da mesa, na pista de dança, a fazer uma algazarra e a bater com os pés. Apesar do seu feitio acanhado e incuravelmente melancólico, adora uma festa e lança-se com violento entusiasmo, assim que ouve saltar uma rolha ou tocar um clarim; nessa noite, convidara a Gloria pelo menos três vezes para se pôr aos pulos com ele e, de cada vez, ela aceitara, o que me surpreendeu bastante. No início da minha relação com a Polly, eu tentava, cão traiçoeiro que sou, levá-la a falar do Marcus, a contar-me coisas que ele dizia e fazia na privacidade da sua vida conjunta, mas ela é uma alma leal e informou-me de imediato, e com impressionante firmeza, que as peculiaridades do marido, se é que ele as tinha, coisa que não confirmava nem desmentia, eram um assunto proibido.

Como é que nos conhecemos, nós os quatro? Creio que deve ter sido a Gloria e a Polly que se tornaram amigas, ou melhor, conhecidas,

embora eu tenha a sensação de que conheço o Marcus desde que nasci, ou desde que ele nasceu, uma vez que sou o mais velho dos dois. Recordo-me de um piquenique inicial, num jardim algures – pão, queijo, vinho e chuva –, e da Polly de vestido estival branco, ágil e de pernas nuas. Vejo, inevitavelmente, essa ocasião à luz do *Déjeuner sur l'herbe* do velho Manet – o mais antigo e mais pequeno –, com a loura Gloria nua e a Polly ao fundo, a molhar os pés. Nesse dia, a Polly parecia uma miúda, de faces rosadas e pele cremosa, e não a mulher casada que era. O Marcus levava um chapéu de palha com buracos e a Gloria apresentava-se como sempre, gloriosa, uma beldade luminosa a espalhar luz a toda a sua volta. E, meu Deus, a minha mulher estava magnífica naquele dia, aliás, como sempre. Aos trinta e cinco anos, atingiu o pleno esplendor da maturidade. Penso nela em termos de variados metais: ouro, claro, por causa do cabelo, e prata para a pele, mas também há qualquer coisa nela que lembra a opulência do latão e do bronze, tem um brilho maravilhoso, um majestoso fulgor. Na verdade, ela é um Tiepolo e não um Manet, uma das Cleópatras do mestre veneziano, por exemplo, ou a sua Beatriz de Borgonha. Comparada com a minha luminosa Gloria, a Polly quase nem seria uma daquelas velas votivas que as pessoas costumavam comprar por uma moedinha na igreja, para acender aos pés da estátua da sua santa predileta. Então, porque é que eu...? Ah, eis o cerne da questão, um dos cernes, aos quais tenho reduzido tudo.

A noite dos Homens dos Relógios terminou como costumam terminar todas as coisas desse género, de uma maneira misteriosamente abrupta, e quase todas as pessoas da nossa mesa já se tinham levantado e faziam rôpegas tentativas para se organizarem e saírem, quando a Polly se ergueu de um salto, lembrando-se, depreendo eu, da Pequena Pip – o pai da Polly e a mãe baralhada tinham supostamente ficado a tomar conta da menina –, mas, depois, deteve-se um instante e fez um estranho floreadozinho trémulo, sorrindo enlevada, de sobranceiras arqueadas e com as mãos esticadas de cada lado, com as palmas viradas para baixo, como uma criança de colo a tentar fazer uma vénia. Pode ter sido simplesmente o efeito do rabo dela a descolar do assento da cadeira – estava muito quente e húmido na sala –, mas tive a sensação de que fora alçada, de repente, com ligeireza, por

intermédio de um qualquer instrumento invisível e flutuante, e de que, por instantes, caminhara literalmente no ar. Não teve nada que ver com o palavrório fervoroso a que eu a submetera na ausência do marido, mas fiquei comovido, quase até às lágrimas, sentindo que de alguma forma me tinha sido permitido partilhar com ela aquela breve e secreta exaltação. Pegou na sua carteira de veludo, ainda com vestígios daquele sorriso ligeiramente surpreendido – teria, inclusive, corado um nadinha? –, e fez questão de mostrar que procurava o Marcus, que tinha ido buscar os casacos. Depois, levantei-me eu também, com o coração a adejar e os meus pobres joelhos transformados em borracha.

Apaixonado! Outra vez!

Quando saímos, a noite parecia involuntariamente vasta, sob um céu cheio de estrelas reluzentes. Depois do barulho lá dentro, o silêncio ali fora vibrava empolgantemente no ar gelado. A princípio, o carro do Marcus não queria pegar, porque, como ele era um sovinha, enchera o depósito com combustível de qualidade inferior e os tubos estavam entupidos de sal. Enquanto ele estava debaixo do capô, a suspirar e a praguejar baixinho, a Polly e eu ficámos parados à espera no passeio, lado a lado mas sem nos tocarmos. A Gloria afastara-se um pouco para fumar um cigarro furtivo. A Polly estava toda embrulhada no casaco e tinha o queixo enterrado na gola de pelo e, quando olhou para mim, não virou a cabeça, limitou-se a rodar os olhos para o lado, de uma maneira cómica, com o sorriso infeliz de um palhaço, de cantos revirados para baixo. Não dissemos nada. Pensei em agarrá-la e puxá-la para mim, enquanto a Gloria estava distraída, e dar-lhe um beijo fugaz, nem que fosse na face, ou até na testa, como um velho amigo poderia fazer numa situação daquelas; mas não me atrevi. O que eu queria mesmo era beijar-lhe a boca, beijar-lhe as pálpebras, passar a ponta da língua nas volutas rosadas e secretas da orelha dela. Sentia-me tomado por um pasmo inebriante, perante mim próprio, perante a Polly, perante o que éramos, perante o que nos tínhamos tornado de repente. Foi como se um deus tivesse descido daquele céu de estrelas e nos tivesse agarrado com a mão e feito de nós uma constelaçãozinha, ali mesmo.

Sempre me pareceu que um dos aspetos mais deploráveis de morrermos, além do terror, da dor e do nojo, é o facto de, quando eu partir, não ficar cá ninguém que consiga registar o mundo exatamente como eu o faço. Não me entendam mal, não tenho quaisquer ilusões sobre a minha importância no esquema ardente das coisas. Outras pessoas registarão outras versões do mundo, um sem-fim de milhares de milhões de pessoas, um rebuliço de mundos específicos a cada uma delas, mas aquele que eu terei criado simplesmente através da minha breve presença perder-se-á para sempre. Afigura-se-me uma ideia angustiante, ainda mais do que a perspectiva da perda do eu em si. Imaginem-me ali naquela noite, sob aquele manto de pelúcia púrpura cravejado de joias, tendo sido assaltado, inesperadamente, pelo amor e a olhar à minha volta, boquiaberto, reparando que a luz das estrelas derramava sombras angulosas e diagonais nos lados das casas, que o tejadilho do carro do Marcus cintilava como se estivesse coberto por uma fina película de óleo, que o pelo de raposa da gola da Polly se eriçava em pontas incandescentes, que a estrada brilhava, escura, sob uma camada de geada e que os contornos de todas as coisas reluziam levemente... tudo isto, o mundo conhecido e banal, tornado singular pelo simples facto de eu estar a olhar para ele. A Polly a sorrir, o Marcus vexado, a Gloria com o seu cigarro, o grupo de pessoas atrás de mim a sair da gala numa explosão de hilaridade embriagada, a sua respiração a formar globos de ectoplasma no ar... todos eles veriam o que eu via, mas não como eu, com os meus olhos, a partir do meu ângulo específico, à minha maneira, que é tão fraca e impercetível como a de qualquer outra pessoa, mas, não obstante, é minha: minha e, por conseguinte, única.

O Marcus acabou de desinquietar as tubagens do carro, endireitou-se e fechou o capô com um estrondo que pareceu fazer com que a noite se retraísse, assustada. Murmurando sobre carburadores e limpando as mãos aos flancos compridos e estreitos, pôs-se ao volante e, irritado, ligou a ignição; tossindo e engasgando-se, a máquina estremeceu e ganhou vida. Ele ficou sentado com a porta aberta e um pé no passeio, a acelerar e a ouvir os uivos ondulantes da coitada da besta. Eu gosto do Marcus, gosto mesmo. É um

tipo como deve ser. Julgo que ele se vê um pouco como a Gloria me vê a mim: sofrível, em termos gerais, mas, na sua essência, uma pessoa sem sorte, suscetível de ser enganada e mais ou menos risível. Enquanto ali estava sentado, de ouvido à escuta dos sons que o motor fazia, não parou de abanar a cabeça, pesaroso, sorrindo de lábios cerrados para si próprio, como se a avaria fosse só mais um dos muitos pequenos e tristes infortúnios que toda a vida o tinham acochado e que ele parecia incapaz de evitar. Ai, Marcus, meu amigo, lamento muito por tudo, a sério que lamento. É estranho como é difícil pedir desculpa e parecer convincente. Devia haver um modo especial e exclusivo para estruturarmos os nossos pesares. Eu podia publicar qualquer coisa sobre isso, um manual de dicas úteis, ou inclusive um livro de estilo: *Um Alfabeto de Desculpas, Uma Amostragem de Perdões*.

A Gloria e eu sentámo-nos no banco traseiro, eu atrás da Polly, que ia sentada à frente, ao lado do Marcus. Eu sentia o cheiro a tabaco no hálito da Gloria. A Polly riu-se e queixou-se do frio e, de facto, vista de onde eu estava, com a sua cabeça redonda, escura e brilhante, afundada naquela gola de pelo, parecia uma esquimozinha rechonchuda toda embrulhada em peles de foca. Deslizando pelas ruas silenciosas, observei as casas introspectivas e as lojas fechadas, enquanto passávamos por elas suavemente, tentando não pensar na condução enlouquecedoramente lenta e cautelosa do Marcus. Ferragens & Sementes do Pierce, Café do Cotter, Império da Empada Pendergast, o antro outrora habitado pela lendária parteira Avozinha Colfer, com as suas vidraças de vidro martelado – uma chaga para a vista! –, entalado entre a Igreja Metodista e as salas de reuniões cheias de janelas da Antiga Ordem dos Guardas-Florestais. Charlie, o *Chapeleiro*, Cotter, o *Capelista*. A gráfica do meu pai, como era, com o meu ateliê por cima, também como era. O Talho. O Padeiro. O Fabricante de Velas. Por que carga de água voltei e me instalei aqui? Quando era jovem, como já comentei, estava mortinho por sair de cá. A Gloria diz que eu tinha medo do mundo grande e que, por isso, me refugiei neste, pequenino. Talvez ela tenha razão, mas não totalmente, com certeza. Sinto-me um arqueólogo do meu próprio passado, a escavar camada atrás de camada de xisto reluzente

sem nunca chegar ao leito de rocha. Há também que ter em conta o facto, o facto secreto, de que eu me antevia a reinventar-me no velho espaço, a viver como um lorde no meu casarão cor de creme lá em cima, em Fairmount – antigamente, chamava-se Monte do Enforcado, até que a Câmara Municipal, sensatamente, levou a cabo uma votação para que se mudasse o nome –, com o mundo de que supostamente tinha medo a vir bater-me à porta para me prestar vassalagem. Seria como Picasso em Vence, ou Matisse no Château de Vauvenargues, embora tenha acabado por fazer uma figura mais parecida com a de Pierre Bonnard, preso num cativo de queixumes em Le Cannet. Em vez de me honrar, porém, a vila achou-me um bocado anedótico, com o meu chapéu e bengala e *écharpes* garridas, o meu comportamento presumido e a minha mulher dourada, jovem e absolutamente imerecida. Eu não me importava, de tão contente que estava por me encontrar de volta aos cenários da minha infância, todos magicamente preservados, como se os tivessem mergulhado numa cuba de vidro líquido e guardado de propósito para mim, antecipando, com confiança e paciência, o meu inevitável regresso a casa.

A rua principal estava deserta. O *Humber* arrastava-se na esteira dos feixes duplos dos faróis, resmungando para dentro. Visto do banco de trás de um automóvel, um casal parece mais casado do que nunca, a falar baixinho na parte da frente. Era como se o Marcus e a Polly já estivessem no seu quarto, de tão suave e íntima me pareceu a conversa entre os dois, enquanto eu ali estava sentado, mudo e alerta, por trás das nucas deles. A primeira pontada de ciúmes. Mais do que uma pontada. De que falavam eles? De nada. Não é sempre esse o tema de conversa quando há gente à volta que nos pode ouvir?

De repente, senti qualquer coisa a arranhar-me o joelho e quase soltei um guincho de susto – era perfeitamente possível que o carro velho do Marcus tivesse ratazanas –, mas, quando olhei para baixo, vi reluzir uma mão e percebi que era a Polly que me tinha agarrado. Sem trair qualquer movimento, ela conseguira enfiar o braço entre a porta e o banco, do lado em que o Marcus não a conseguia ver, e acariciava-me a rótula de uma maneira que era inequívoca. Ora

ali estava uma surpresa, para não dizer um choque, apesar de tudo o que se passara entre nós à mesa, antes. A verdade é que, sempre que tentava engatar uma mulher, o que era raro, inclusive na minha juventude, nunca esperava que me dessem conversa, ou sequer que reparassem nisso, apesar de uns quantos sucessos que eu tendia a considerar golpes de sorte, ou o resultado de um equívoco, ou fruto de falta de inteligência da parte da mulher e mera sorte da minha parte. Não sou um espécime com um poder de atração imediato, desde o início sempre fui o mais fraco da ninhada. Sou baixo e corpulento, ou mais vale deixar-me de rodeios e dizer que sou gordo, com uma cabeça enorme e uns pés minúsculos. O meu cabelo tem uma cor algures entre a ferrugem molhada e o latão mal polido e, quando o tempo está húmido, ou quando estou à beira-mar, forma caracóis tão apertados e densos como as florzinhas de uma couve-flor e teimosamente resistentes a qualquer pente, mesmo ao mais determinado. A minha pele – ai, a minha pele! – é um tegumento flácido, húmido e branco sujo, de maneira que pareço ter ficado a branquear no escuro durante muito tempo. Das minhas sardas nem falo. Tenho os braços e as pernas curtos como cotos, grossos em cima e a afilarem nos pulsos e nos tornozelos, como clavas de ginástica, só que mais curtos e rechonchudos. Tenho a mania de que, à medida que for envelhecendo e a minha largura aumentando, estes cotos irão gradualmente retrair-se até serem absorvidos por completo e a minha cabeça e o pescoço grosso também perderão o relevo, de modo que serei totalmente esférico, uma grande bola pálida, caridosamente empurrada, primeiro, pela Gloria e, depois, quando ela tiver perdido o ânimo, por uma pessoa severa, vestida de branco, com sapatos de borracha e uma touca engomada. O facto de alguém, em especial uma rapariga sensata como a Polly Pettit, me levar a sério ou dar o mínimo de credibilidade ao que eu tinha para dizer continua a ser, para mim, motivo de espanto. Mas ali estava eu, com o joelho a ser acariciado por aquela mesmíssima Polly, enquanto o marido, todo inclinado sobre o volante, sem desconfiar de nada, com o nariz quase a tocar no para-brisas, nos conduzia lentamente para casa, no seu velho carro a lembrar uma abóbora, através daquela noite resplandecente e subitamente transfigurada.

A Gloria, a minha mulher por norma muito perspicaz, também não deu por nada. Ou será que deu? Com a Gloria, nunca se sabe. É precisamente isso que a define, parece-me.

Seja como for, o assunto ficou por ali, na altura. Mas quero que fique claro e registado em ata que, tecnicamente, foi a Polly quem deu o primeiro passo, mediante aquela fatídica carícia no meu joelho, uma vez que a minha adulação exacerbada à mesa se ficara pelas palavras, sem passar aos atos: não lhe toquei com um dedo sequer, senhor, não naquela noite, juro que não. Quando estiquei o braço e tentei desajeitadamente pegar-lhe na mão, ela retirou a sua de imediato e, sem se virar, abanou a cabeça num gesto infinitesimal que eu tomei como um aviso e inclusive uma repreensão. Fiquei muito nervoso, quer pela carícia da Polly, quer pela rejeição, e pedi ao Marcus para parar e me deixar sair, dizendo que queria fazer o resto do caminho a pé para arejar as ideias na noite. A Gloria olhou para mim de relance, surpreendida – nunca fui muito adepto da vida ao ar livre, a não ser na minha imaginação pintoresca –, mas não fez comentários. O Marcus parou o carro na ponte sobre a corrente de água que alimentava o moinho. Saí e detive-me um instante, pus uma mão no tejadilho do carro e debrucei-me para me despedir de marido e mulher, e o Marcus grunhiu – ainda estava irritado consigo próprio por o carro não ter pegado à primeira – e a Polly limitou-se a dizer uma palavrinha rápida que não percebi e continuou sem virar a cabeça e sem olhar para mim. Arrancaram, com o fumo do escape deixando um cheiro acre e salino no ar, e eu caminhei lentamente na esteira deles, sobre a pontezinha corcunda, com a corrente do moinho a jorrar e a tragar o leito por baixo de mim, os meus pensamentos em alvoroço enquanto via os faróis traseiros rubicundos a esmorecerem na escuridão, como os olhos de um tigre que recua furtivamente. Oh, ser devorado!

Quanto ao tema dos furtos... por onde começar? Confesso que me sinto embaraçado por este vício infantil – chamemos-lhe um vício – e sinceramente não sei porque é que o estou a admitir, perante ti, meu confessor inexistente. A questão moral é melindrosa. Assim como a arte consome os seus materiais absorvendo-os totalmente